



EDIÇÃO 9 | ANO 5
DEZEMBRO DE 2017
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

R E V I S T A

Vertentes Cultural

A revista do Sicoob Credivertentes

**A união que faz a força
- e dá novo sabor -
ao queijo artesanal**

*Associativismo muda
lutas e perspectivas
da iguaria na região*

Pág. 21

MINEIRO

João Pinto de Oliveira

CONTADOR DE CAUSOS

Perguntam, a miúdo:

- Por que a mania do mineiro em contar “causos”?

A resposta é simples, todavia infinitamente complexa. Está no sangue, corre nas nossas veias, pulsa na nossa secular alma sertaneja. O homem do interior é fabulista, cantador por natureza. Tem mente destravada, o espírito dos antigos aedos, trovadores e menestréis da Antiguidade. Desde cedo, pirralhos de cueiros, crescemos ouvindo histórias dos mais velhos, lendas, contos, canções, sagas, narrativas, aventuras, artes, artimanhas de um povo indômito, multicolorido, herdeiro de raízes europeias e afroameríndias. Assim somos ensimesmados, memorizando, decifrando cada conto, exaltando a cada canto, a alma popular, universal, milenar mineira.

Formamos uma sociedade heroica, que faz do cotidiano sofrido, motivos de reflexões, elucubrações.

Nutrimos histórias, ainda que pândegas, burlescas. Também cavalgamos sonhos, amansamos cavalos bravios, fazemos brotar personagens, retratos de nosso coração puro, ingênuo, arredo, prisioneiro da montanha, liberto como os caudalosos rios.

Daí recontarmos, reproduzirmos, interpretarmos aquele quê de contagiante, tocante, plangente, quimérico, homérico, com melancolias, frinchas e interstícios de uma alma genuína, impar, insondável...

Dai os causos – lições extraídas do pitoresco, do episódico; frações do dia a dia, por vezes simplórias, irrisórias, mas de incomensurável conteúdo humano; assuntos ao pé do ouvido, realidade e ficção, portadores de uma filosofia cabocla, linguajar inigualável, secular fotografia de um povo indomável, indecifrável.

São lembranças circunstanciais, flagrantes, incidentais, que permitem dar vitalidade, sete fôlegos e botas de sete léguas a fatos corriqueiros do ontem e do hoje - enquanto construímos o amanhã.

4 Editorial

Turismo

6 Lendas
São-Joanenses

Vertentes

21 Queijeiros se
unem na região

Memória

36 Sr. Clemente, pioneiro
na jornada São João-
Divinópolis

Cultura

10 Lendas e outras
narrativas do Campo
das Vertentes

12 Quem é o mineiro?

Entrevistas

25 Flávia Alves Coelho

Credivertentes

28 Encontro de
Delegados

Primeiro Plano

39 Viola, sanfona e
amor às raízes

Gastronomia

14 Picolé do Amado

Social

32 Maria Maria
em Barbacena

Vida

41 De São Tiago,
Minas; a
Santiago, na
Compostela

Entrevistas

18 Inocência Magela

MARIANE FONSECA

DIVULGAÇÃO

Caminhos de/para/ pelo amor

Nos mais de 830km percorridos a pé na Compostela, Cristiane Coimbra se deparou com placas e inscrições como essa incontáveis vezes. Em casa, na cidade de São Tiago, enquanto ainda curava algumas bolhas nos pés e descansava, chegou à conclusão de que não deveria discordar.

E que, na realidade, a caminhada de todo mundo deveria levar exatamente a esse destino metafórico. Aliás, uma pequena mudança no texto, substituindo o “of” por “to” e teríamos “Caminho PARA o amor”. Fato é que: resilientes e esperançosos quanto à vida; ou ardendo na chama desse sentimento como Camões... nunca estamos totalmente prontos para ele.

Aqui, aliás, entenda o amor como algo amplo, perpassando absolutamente todos os textos desta edição. Cristiane e Antônio; Clemente e Marta são exemplos distintos, mas em muito delicadamente parecidos. Dois casais, duas histórias, bonitas escolhas, a vontade de persistir estradas afora – literalmente – com seus pares.

Nenhuma dessas trajetórias, porém, foi percorrida sem curvas perigosas, freios, tempestades demandando parada na viagem.

Porque o amor é um destino que pede atenção a isso e até mudanças de rotas antes de alguém acelerar mais uma vez. É aí que as demais reportagens se encaixam.

Por amor à mais saborosa de nossas tradições, queijeiros da região resistiram a dificuldades inclusive legais e formaram a pró-

“Seja resilientes e esperançosos quanto à vida; ou ardendo na chama desse sentimento como Camões... nunca estamos totalmente prontos”

pria associação. Por amor à ousadia, à arte e à memória folclórica das Vertentes, o Lendas São-Joaneses foi criado há cerca de 10 anos - e agora se prepara para com-

por páginas de um livro infanto-juvenil. Por amor a uma filosofia humanista, 161 pessoas disseram “sim” ao chamado do Sistema de Governança e, na segunda eleição para ele, viram a representatividade ganhar novos contornos. Por amor à cultura caipira, dois músicos das Vertentes desbravaram o mercado fonográfico, o mapa e os palcos do país. Por amor à esperança, mulheres se juntaram para abraçar umas às outras, lapidar talentos e fazer brilhar um novo futuro.

Não por outro motivo, a crença latente é uma só: não importa a estrada tomada, Para aqueles que acreditam e apostam na aventura de viver com empatia e em busca de sonhos, todos os caminhos levam ao... É. Nem precisamos completar.

Boa leitura.

Filiada ao S.C.CREDIMINAS - Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais, à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

João Pinto de Oliveira - Presidente
Paulo Melo - Vice Presidente
Alexandre Nunes Machado Chaves, Antonio Vicente de Andrade, Fabiana Andréia Fernandes Diéle Barros de Oliveira, Helder José Daher Chaves, Jasminor Martins Vivas e Renivaldo Renaldo Bageto.

DIRETORIA EXECUTIVA

Jasminor Martins Vivas - Diretor Executivo Administrativo
Luiz Henrique Garcia - Diretor Executivo Financeiro

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Cristiano Almeida, Luis Cláudio dos Reis e Marlon Castro
Suplentes: Henrique Santos

REVISTA VERTENTES CULTURAL

Revista semestral do SICOOB Crediverentes - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: crediverentes@sicoobcrediverentes.com.br

CIRCULAÇÃO

São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Barbacena, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Prados, Resende Costa, Ritaópolis, São João del-Rei e Senhora dos Remédios.

APOIO OPERACIONAL

Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Mariane Fonseca - MTB 15.883/MG
Tiragem: 5000 exemplares

FOTOS

Deividson Costa

DIAGRAMAÇÃO

Mapa de Minas Comunicação Integrada
As matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do SICOOB Crediverentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.


Vertentes
Cultural



TENHA UM CARTÃO QUE FAZ A DIFERENÇA!

Sicoobcard
Mastercard Gold.
Mais vantagens nas
suas compras



Sicoobcard
Mastercard Platinum.
Mais privilégios em
suas viagens.



Central de Atendimento Sicoobcard
Regiões metropolitanas: 4007-1256
Demais regiões: 0800 702 0756
Atendimento: seg. a sex. - das 8h às 20h
www.sicoobcard.com.br

Peça e use o seu.

 **SICOOB**
Credivertentes

Contos que ganham corpo(s)

No Centro Histórico de São João del-Rei, uma jovem vestida de noiva chora inconsolável. Um grupo de seminaristas que passa pelo local se sensibiliza e oferece ajuda. Ela continua soluçando, mas explica que o amado morreu num acidente horas antes do casamento. Os religiosos, então, decidem convocar um padre e ele vem até a moça com alguma palavra de conforto.

Segundos depois, a tal noiva ri e pede perdão. Ué...

Atriz do *Lendas São Joanenses*, grupo que mescla artes cênicas e turismo há 10 anos, a triste apaixonada estava, na realidade, interpretando uma das personagens consagradas pela equipe desde 2007. Tudo inspirado no livro *Contam Que...* lançado pelo escritor Lincoln de Souza em 1920. Nele, narrativas envolvendo personagens como Chica Mal Acabada, Irmão Moreira, uma Mula Sem Cabeça e até um Defunto Que o Diabo Levou tornam São João del-Rei cenário de intrigas, atividades sobrenaturais e folclore próprio. Tudo perpetuado boca a boca ao longo dos séculos e, há cerca de uma década, encenado em praças, escadarias e ruas de pedra da cidade.

No final de 2017, uma campanha online trouxe à tona uma nova possibilidade: a de personagens que saltaram de livros e foram para palcos a céu aberto retornarem às palavras impressas. Desta vez no formato infanto-juvenil. O objetivo? Perpetuar a memória junto a novas gerações num ciclo que deu verdadeira vida a tradições populares.

Das páginas de um livro clássico, causos das Vertentes foram para palcos a céu aberto e, agora, se tornam obra infanto-juvenil financiada coletivamente. Conheça o Lendas São-Joanenses

PATRIMÔNIO IMATERIAL

Não se assuste caso, um dia, se deparar com uma mulher gritando “É ele! É ele!” em plena rua. Ou se, bem perto, um reverendo contar, alarmado, sobre a vez em que precisou resgatar uma hóstia inteira da boca de um morto.

É o elenco do *Lendas São Joanenses* se apresentando ao público em mais uma noite de espetáculo ao ar livre. Algo que se repete há 10 anos desde que Cristóvão Vitalino e Jadir Silva (re)descobriram o charme local à luz da lua e decidiram unir turismo, tradições populares e artes cênicas a ela.

Na prática, o *Lendas* é uma proposta de guia turístico com teatro itinerante e folclore local. No centro da ação, uma equipe de 16 pessoas entre atores, guia e suporte técnico. Ao redor, crianças e adultos atentos a tudo o que acontece em pleno Centro Histórico. Tudo testemunhado, na última década, por milhares de pessoas.

A proposta surgiu ainda em 2006, quando os idealizadores passaram a dedicar algumas noites a estudos *in loco*. À época, frequentavam um curso de Educação Patrimonial viabilizado pela Unesco e, com o plano de revolucionar em mente, o turismo noturno surgiu como atrativo. Bem como a utilização do livro *Contam Que...*

A princípio, havia apenas uma lenda e dois “atores” – um deles, na realidade, era Jadir se aventurando. De lá para cá, tudo se multiplicou: além da equipe, as histórias possíveis chegaram a quase dez. Desse total, sete ou oito são selecionadas por apresentação que começa no Largo do Rosário e segue Centro Histórico afora para terminar na Rua Santo Antônio ou em frente à Catedral de Nossa Senhora do Pilar. Vez ou outra, a atração se estende às escadarias de Nossa Senhora das Mercês.

E foi em um desses trajetos que a escritora Márcia Paschoallin se encantou pelos *Lendas*.

LIVRO

O endereço de Márcia é Caran-

daí. Mas rotineiramente ela carimba passagens pelas cidades históricas do Estado. Fascinada por elas e autora de 21 livros, já usou Mariana, Tiradentes, Ouro Preto, Congonhas e várias outras distribuídas pelo mapa como pano de fundo em seus enredos.

Agora chegou o momento das belezas da Cidade Onde os Sinos Falam. Embora desta vez a cultura popular é que ganhe voz em *Lendas São Joanenses - Um Presente do Passado*. A obra, já escrita e com ilustrações de João Pedro Rodrigues, segue para impressão e lançamento nos próximos meses graças a uma campanha de financiamento coletivo via internet.

Ao todo, foram arrecadados R\$18 mil para produção, impressão de 3 mil exemplares físicos do trabalho e distribuição de cópias já encomendadas. Algumas delas, aliás, têm como destino escolas públicas da região. “A parte mais difícil em todo trabalho, pra mim, é dar o título. No caso deste livro, o nome veio depois de muitas conversas em conjunto, durante uma viagem. Foi como um ‘click’. E acho que o jogo de palavras envolvendo ‘presente’ e ‘passado’ diz tudo”, explica Márcia.

De acordo com ela, o texto reconta os causos são-joanenses sob a perspectiva trabalhada pelo *Lendas*, mas tendo como chave o olhar da escritora. “Após estudar os enredos, veio a inspiração de narrar tudo como se eu estivesse participando do espetáculo. Mais do que isso não posso contar pra não estragar as surpresas. Por outro lado, embora seja suspeita pra falar como toda ‘mãe’ coruja, acho que o trabalho ficou excelente. Bem como o próprio *Lendas São Joanenses* é”, frisa.

SONHOS

Um livro envolvendo o *Lendas* sempre foi sonho do grupo. Ao mesmo tempo, Márcia idealizava escrever sobre a amada São João del-Rei. As vontades se cruzaram em 2016 e terminam de se realizar em 2018.

Algo que, para os integrantes do *Lendas*, é maior do que qualquer possibilidade imaginada em 2007, com o primeiro espetáculo. “A gen-

te queria que desse certo e acreditava na ideia. Mas mantinha o pé no chão. Essas duas posturas foram essenciais, aliás. Porque mesmo com toda dificuldade de manter um projeto cultural, jamais desistimos dele e fomos vendo aos poucos, em cada apresentação e boa referência boca-a-boca, que estávamos no caminho certo”, diz Cristóvão.

Uma das primeiras reações positivas ao Lendas, aliás, foi de Karla Veloso Vitalino, esposa dele. “Lembro de dar apoio e toda minha torcida para a proposta. Foi assim durante um ano em que, inclusive, fui a todas as encenações e fiquei num cantinho curtindo na butuca, como



dizem. Logo veio a coceirinha da participação e entrei no projeto. A escolha não foi fácil e envolve muita luta, mas jamais me arrependi dela”, garante.

Sentimento semelhante tem a guia turístico e membro da iniciativa, Fabrícia Resende. É ela quem, vez ou outra, orienta o público do espetáculo contando fatos sobre os patrimônios tombados do Centro Histórico e suas nuances. Dentro delas, acrescenta curiosidades instigantes que acabam se tornando “oportunidades”. “Nessas horas as personagens me interrompem e começam a se apresentar. Acho mági-



FOTOS: IZABEL VALE/@BEL_VALE

co. No início era tudo improvisado, no gogó mesmo. Aos poucos fomos ganhando estrutura e evoluindo nas interpretações. O monge passou a fazer parte das ações. E é incrível como, mesmo em silêncio, ele faz a diferença porque causa suspense e mistério. Esses detalhes, essa trajetória... tudo isso me encanta”, define.

REPERCUSSÃO

Lidiane Santos tem 50 anos e algo em comum com a escritora Márcia Paschoallin: apaixonada por cidades históricas, encontrou na mudança da filha para São João del-Rei uma oportunidade perfeita de estar mais frequentemente por lá. E foi numa dessas visitas que conheceu o *Lendas São Joanenses*. “Confesso que me assustei com a Chica Mal Acabada quando...”. Opa! Vamos cortar essa parte pra não virar *spoiler*.

Mas fato é que Lidiane viu o coração oscilar entre pequenos sustos, grandes gargalhadas e muito fascínio pelas histórias que, diz, são verdadeiros tesouros para a cultura local. “Resgatar e encenar tudo isso foi um ato de coragem do Lendas. E as pessoas precisam ser gratas por terem algo tão magnífico na cidade”, defende.

Já o pequeno Pedro Júnior, de 11 anos, garante ter guardado certa cisma do enredo de *O Segredo*. A história narra o

trágico triângulo amoroso entre um fazendeiro, uma esposa cruel e uma jovem escrava. “Sempre que passo pelo Bairro Segredo eu lembro que essa lenda explica o nome do lugar. Conto pra todo mundo que não sabe”, ri.

Ficou curioso? Só assistindo ao espetáculo para entender – e se preparando para surpresas. Há muitas, aliás. Inclusive para o próprio elenco. “Acontece tanta coisa nas trocas de roupa, nas esperas pelo momento de entrar em cena ou no revezamento dos microfones...”, conta o ator Ronan Pena. Imagine, então, na frente do público que interage o tempo todo.

Quer saber mais? Acesse www.facebook.com/lendassj/.



O Segredo

No pequeno sobrado em que funcionou há tempos um departamento do Ministério da Agricultura, situado atrás da igreja de São Gonçalo Garcia, residia outrora um opulento capitalista, de nome Rogério, casado com uma senhora cuja perversidade era o terror da mísera escravaria às suas ordens.

Entre os escravos havia uma jovem mulata chamada Julieta, cuja beleza e juventude alvoroçaram, logo que chegou, os sentidos do senhor, homem forte, másculo e ainda relativamente moço.

A maneira branda por que, desde o primeiro dia, começou a tratar a nova escrava, despertou incontente os ciúmes da esposa, dona Jacinta, que exigiu o mais depressa possível a venda da rapariga. Rogério não concordou – tinha razões secretas para conservá-la em seu poder.

Suspeitando do esposo, pôs-se dona Jacinta a espioná-lo, habilmente, e foi sem grande dificuldade que ficou sabendo que Julieta era algo mais do que simples escrava... Não deu a menor demonstração do que acabava de verificar.

Tornou-se até mais carinhosa para com o marido a quem, dali por diante, deixou de falar na venda de Julieta. Um mês depois, Rogério fazia anos.

A mulher quis, ela própria, fazer o jantar. Aliás, não foi um jantar apenas melhorado que dona Jacinta apresentou no dia, mas um verdadeiro banquete.

Era grande a variedade de pratos que enchiam a mesa. Entre todos, porém, aquele de que mais gostou Rogério foi um de picadinho de coração, muito de seu agrado e de que só ele comeu e repetiu mais de uma vez, delicioso.

Findo o repasto, horas depois, precisou de Julieta. Chamou-a em voz alta. Não teve resposta. Estaria no quintal? Gritou da varanda, com mais força.

A rapariga não respondia. Mandou que a procurassem. Ninguém a encontrou.

Desconfiado de que a mulher a tivesse vendido à sua revelia, interpelou-a arditamente:

- Será que a mandaste a alguma parte, Jacinta?

- A Julieta?

- Sim, a Julieta! – exclamou Rogério, já de mau humor.

- Bem, o coração tu o jantaste... O resto não sei. Pergunta ao Bento...

Tudo fora feito em segredo: o assassinio, a abertura do peito, a retirada do coração, com a desgraça ainda viva, fortemente amarrada e com a boca entupida de pano, para que não se ouvissem seus gritos. Em seguida, o enterro ali mesmo, onde se consumara o hediondo crime.

Os escravos sabiam que Julieta tinha ido, durante o dia, com a senhora e o Bento, escravo mau, que aplicava os castigos em uma capoeira próxima da cisterna. Depois disso, nunca mais a viram.

Curiosos, perguntaram ao odiado companheiro e algoz o que tinham ido fazer os três no lugar de onde não mais voltara a bonita mulatinha.

- Ali há um segredo. Não posso dizer... Pagaria com a vida...

E o local da tragédia ficou sendo, para os escravos, “O Segredo”, denominação esta que, mais tarde, se estendeu aos arredores e até hoje se conserva.

Outras histórias podem ser encontradas em www.lendassj.com.br



Lendas e outras do Campo

Ulisses Passarelli

A Mesorregião Campo das Vertentes, contendo três microrregiões, é uma das áreas de mais antigo povoamento de Minas Gerais. Desde o período do ir e vir sertão adentro pelos bandeirantes, passando o período dos grandes descobertos auríferos, que esta região recebeu toda sorte de influência étnico-cultural, gerando uma população dotada de uma sabedoria popular de extrema riqueza.

Como se fossem rastros, sinais, evidências de sua mais íntima história, muitos moradores das Vertentes mineira conservaram como parte de seu folclore uma série de narrativas singulares, histórias que embalam as crianças nas longas noites dos seus três séculos de existência.

Algumas tem ares verdadeiramente regionais ou pelo menos se adequaram às peculiaridades locais, como uma nova roupagem; outras são recorrentes, conhecidas de vastas regiões nacionais ou mesmo fazendo ecos de lendas e contos além-mar, ibéricos. Tantos outros receberam nitidamente do africano sua influência inexorável. Tais narrativas se mantiveram pela força da oralidade, passadas de pais para filhos, dos mais maduros aos jovens, no cerão noturno, à beira do fogão à lenha, nas pescarias, no intervalo do serviço, nas festas populares, nos ranchos de pousos de boiadeiros e tropeiros, nos povoados ao longo da Estrada Real. Ora narrando situações cômicas, outras vezes religiosas, ou ainda, místicas, umas e outras guardam em si sua mágica atrativa, sempre querida ao ouvinte: lendas, mitos, fábulas, causos, contos e anedotas.

As lendas propriamente ditas narram em geral o surgimento, sob uma ótica muito peculiar que deve ser interpretada à luz da cultura popular. São entendimentos de uma suposta história: Podem ser etiológicas (quando narram origens: “Como surgiu o congado para o congadeiro”) e religiosas (“A lagoa amaldiçoada”). Os mitos são mais complexos, pois trazem à tona direto do atavismo, os medos humanos ancestrais, do imaginário, os seres fantásticos, monstros, espectros famintos por devorar humanos ou provocar assombros (saci-pererê, lobisomem, caboclo-d’água, boitatá, ...). Fábulas revelam histórias bem ao sabor popular nas

narrativas populares das Vertentes



quais os animais ganham vida humana: se comportam como gente, falam, tem suas qualidades e defeitos e por fim, transmitem via de regra uma moral (“O macaco violeiro”; “O bicho folharal”). Os causos são estórias mais próximas do acontecimento concreto, quiçá lembranças de algum fato real, que perdido em distante passado, se desfigurou ou reconfigurou para o campo de uma narrativa livre, que, de boca em boca, tanto amplia quanto encolhe o fato que originou. Assim, no causo, um fato ganha ar inexplicável, místico e até bem humorado, chegando ao inacreditável (“A Criança perdida”). Contos são estórias de antiga estruturação, originárias de arquétipos do velho mundo ou das populações indígenas, trazidas ao seio popular, onde se mantiveram em variantes narrando estórias palacianas (“João Queijo Banana”), religiosas (“O mal vizinho”), contos do demônio logrado (“São Benedito no Baile”), natureza denunciante (“Favas Mágicas”), o tema do cangaço (na maior parte das vezes convertido em versalhada de cordel no nordeste brasileiro, ou é incluído no romanceiro), a novelística medieval, etc. Anedotas como é assaz conhecido são as narrativas que apelam propositalmente para a comicidade, atreladas ou não à realidade (“Gaspar”).

A riqueza destas narrativas na região é incomensurável e aguarda ainda um estudo sistemático, de coleta, classificação, cotejo e análise; seguidos de sua publicação e uso didático. É um material riquíssimo, ligado às raízes regionais, que se perde aos poucos esquecido nas memórias que se apagam.

Há de se registrar na região o trabalho pioneiro de Lincoln de Souza, que colhendo algumas lendas em São João del-Rei, as enfeixou com maestria no seu livro “Contam que...” Também digno de nota, o importante registro de Lacyr Schettino e de Américo Pellegrini Filho, que coligiram lendas da cidade de Tiradentes. No Blog Tradições Populares das Vertentes (www.folclorevertentes.blogspot.com.br) encontram-se registrados entre lendas, mitos, causos, fábulas, contos e anedotas, mais de 50 narrativas que coletei na região, disponíveis para consulta. Entretanto, o acervo regional certamente excede em muito a essa cifra.

O QUE É, QUEM É O MINEIRO?

Indecifrável enigma. Como conceituar o mineiro?! Bateias, bâtegas de palavras jamais o definirão. Viajantes estrangeiros, escritores, poetas, políticos, doutos, pessoas comuns buscaram explicá-lo. Em vão. O mineiro é múltiplo, considerava Alceu Amoroso Lima. O mineiro é triste, na avaliação do historiador João Camilo de O. Torres, por força da melancolia indefinível das montanhas.

Afinal, somos produtos das “várias minas”, a “Minas Plural”, na definição de Guimarães Rosa. “Minas se ajunta de tudo os extremos, delimita, aproxima, propõe transição, une, mistura: no clima, na flora, na fauna, nos costumes, na geografia, lá se dão encontro concordemente as diferentes partes do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada,



pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais” (excertos/fragmentos das obras “Ave, Palavra” e “Grande Sertão: Veredas”)

Muito se fala, se discute, até se inflama quanto ao comportamento para alguns fechado, caturro, casmurro, desconfiado, introvertido, conservador do mineiro – porém e concomitantemente inquieto, latente, “ebulitivo”, revolucionário, libertário. Sempre surpreendente em sua geografia, psicologia, filosofia, ideologia, essência e estética barrocas. Da pompa à humildade, do monte ao vale, da cidade à mata, um eterno, interno conflitar, fluir pulsátil e latente como os rios, versáteis canais oriundos do coração das montanhas a insuflarem veias, artérias, distendendo-se do chão às nuvens, do resguardado manancial ao mar infinito...

O mineiro é pródigo em utilizar uma linguagem própria, única – enrustida, cifrada, sutil, com especial, peculiar sabor de inteligência, na qual deixa transparecer, simultaneamente, hospitalidade, ironia, crítica contestatória, o humor variável – jamais com laivos de maldade, irritação. Firmeza, sim, pois quando alguém ocupa o espaço que era – e é – seu, diz: “Arredal”, “Chispa, sô!”. Usa ainda, por vezes, palavras filosóficas, dúbias, dubladas, conotando facécia, astúcia, admiração, enlevo. Jamais se revela, se desvela, por mais atraído, chegado. Quando muito, se entremostra. Impenetrável, incognoscível, “inenquadrável”.

“A maior parte dos homens é conversadora até a impertinência. Porém isso é entre uns e outros acerca de seus gados; mas com pessoas estranhas, sobretudo as de alguma consideração, apenas se lhe apanham meias palavras, um extraordinário acanhamento e confusão de ideias”, destacou Cunha Matos.

Indagador, espionador na surdina. Trabalha com o silêncio, a

escuta, a cisma. Assunta, com todos os sentidos, a terra, o vento, o espaço. O ouvido posto ao chão dividindo, contudo, o horizonte; olhar atento às encruzilhadas, às curvas da estrada, às nuvens, o gorjeio dos pássaros, às batidas do próprio coração. Joga conversa fora, quando confiante. Enfurna-se ele, enclausurado, ensimesmado, pelos desvãos das montanhas, no ritmar dos caminhos sinuosos, os rios rumorosos...

Segundo Latif Barros, o mineiro é uma síntese de D. Quixote – obstinado ao faiscar o ouro, deixar-se devanear pelo sonho dos metais – e de Sancho Pancha, ao ponderar quanto à sua produção, os custos dos impostos. Um, o visionário, o onírico: o outro, o realista, o pé no chão. O mineiro, uma combinatória, uma ressonância de todos os traços que compõem as várias “Minas” e as “Gerais”.

“Existem Dons Quixotes e Sanchos por toda parte e ambos são necessários a qualquer gênero de vida, por corriqueiras que sejam. Mas o que há de realmente apreciável no homem é a simbiose destes dois aspectos num equilíbrio sábio que os mineiros nas cumeadas das suas ‘alterosas’ praticaram como verdadeiros equilibristas e sempre possuíram como ninguém. Foi sob este aspecto tão necessário ao bom andamento dos negócios do Governo que os mineiros se firmaram na política, não apenas da sua província como do País todo” (LATIF BARROS, Mirian. As Minas Gerais. Rio de Janeiro: Ed.Agir, 1960, pág. 213).

“O mineiro, que como seu antepassado, o paulista, ainda é o homem típico do Brasil” (BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. São Paulo: Ed.Itatiaia, pág. 319). O mineiro “não se distingue somente por sua sagacidade natural, por sua franqueza, por seus hábitos de hospitalidade...”, apontou Ferdinand Denis em “Brasil”. Já Alceu Amoroso Lima atesta que “o homem de Minas é, antes de tudo, um sóbrio. Bom senso, idealismo e uto-

pia são os três planos do espírito mineiro, que, ora se excluem, ora se completam”.

Arredio, escorregadio, rústico, interrogativo, meditativo, assentado sobre os calcanhares – momento esse, dizem, de seu fundo filosofar sobre o imaginário, o real, o espacial-temporal. Reservado nos gestos, sóbrio, desconfiado, discreto, elegante, altivo. As mãos estendidas em feitiço cismarento. Obsequioso, sobranceiro, introspectivo, comedido, equilibrado, politicamente inquieto, pouco suscetível à autoridade. Conquanto libertário, rebelde, indômito, o mineiro é também conciliador, moderador, prudente, pragmático. Desconfiado, taciturno, porém, amável, hospitaleiro. Dotado de conhecimento prático, aprendido da vida, no longo do tempo e de jornadas, com negros, caboclos, índios, tropeiros.

“Ser mineiro é esperar pela cor da fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde para colher maduro. É não meter a mão em cumbuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com linguça. Porque o mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem, mas compra bonde. Compra e vende pra paulista”, pontuou ainda Fernando Sabino.

Na realidade, porém, a característica mineira ultrapassaria fronteiras e mares, como nos conceituou um dos mais famosos autores portugueses: “Louve-se nos mineiros, em primeiro lugar, a sua presença suave (...). Ao importuno, os mineiros chamam de “entrão”. Não tem arroubos nem arrogâncias nem contam vantagem. Damos de terra tão rica e tão ilustre, mostram uma espécie de humildade naquela posse e, ao mesmo tempo, uma segurança tranquila que não lhes deixa margem para bazófiás. Os tesouros deles a gente é que os tem de descobrir, pois, na sua discrição, o gosto dos mineiros é fingir que os ignoram”, elaborou Eça de Queiróz.

Tradição e sabor no palito

Picolé do Amado rompe fronteiras -
além do próprio tempo





Lamentamos informar: mas visitar São João del-Rei sem andar de Maria Fumaça, passar pelas igrejas históricas e saborear um picolé no Centro Histórico... não é uma viagem completa. Sim, na Cidade Onde Os Sinos Falam, com o melhor da Gastronomia Mineira exalando janelas de madeira afora, se refrescar com o "gelado" no palito é experiência turística que não pode ser ignorada.

Sim, estamos falando sobre o tradicionalíssimo Picolé do Amado, que com mais de 50 anos de história também se expandiu para Tiradentes e a capital Belo Horizonte.

Quem confirma tudo isso, aliás, são os mais de 200 visitantes do espaço que assinaram resenhas em plataformas de avaliação como o TripAdvisor e o FourSquare. Em ambos, as notas dadas por quem experimentou os cerca de 30 sabores do produ-

to raramente saem do valor máximo. Mais difícil ainda, inclusive, é encontrar quem fale sobre a delícia refrescante sem mencionar ter degustado pelo menos três variedades. Algumas, inclusive, exóticas, a exemplo de Moranga com Coco ou Caipirinha com Álcool.

Nenhuma delas, porém, deruba a grande favorita desde 1965, quando o acaso fez um comerciante frustrado transformar as cocadas que produzia para um bar em picolé. E foi ali que começou a história de empreendedorismo responsável, hoje, por cerca de 8 mil gelados vendidos por semana nas quatro unidades da franquia familiar.

Todos feitos com frutas naturais, de maneira artesanal e sem conservantes. A receita? Fica

apenas entre os Vieira.

HISTÓRIA

Amado José Vieira era um simpático dono de bar na estação de trem são-joanense quando enfrentou um revés de mercado: com a redução da malha ferroviária no país, o movimento do cantinho que abastecia com boas caipirinhas e cocadas artesanais (entre vários quitutes feitos em casa) passou a cair.

Decidiu, então, apostar em outro talento: o de consertar qualquer coisa que aparecesse à frente ao mesmo tempo em que





Fernanda, ao centro, ao lado do filho Rafael, de 21 anos (à dir.). Na outra ponta, o assistente de Gerência de Relacionamento Pessoa Jurídica da Credi em São João del-Rei, Thiago Aquino

alugava bicicletas. “Era impressionante”, conta a neta Fernanda Machado Gomes Vieira, administradora do Picolé do Amado em Tiradentes há dois anos.

E completa: “Tudo o que passasse quebrado pelas mãos dele voltava a funcionar: máquina de costura, liquidificador... Por fim, certo dia, apareceu um equipamento para fabricação de picolés. Ficou aparentemente intacto.

Mas para ter certeza, meu avô decidiu fazer testes e, experiente na produção de cocadas, usou parte da receita para fazer picolés. Distribuiu alguns para clientes que alugavam as bikes e, aos poucos, as pessoas começaram a pedir ‘ô, Seu Amado, tem daquele picolezinho aí, não?’”.

Foi com essa demanda e os constantes elogios à iguaria que o comerciante decidiu apostar

de vez no gelado, mobilizando toda a família na produção.

Um deles o filho Dalmir Vieira, que já aos 9 anos vendia o Picolé do Amado pelas ruas de São João del-Rei e, pouco depois, já atuava na fabricação dele.

Hoje

Atualmente, Dalmir gerencia a matriz de São João del-Rei bem ao lado de onde a irmã, Doraci,





DEVIDSON COSTA



Observar, participar, mudar, cooperar

Inocência Magela de Oliveira é o típico boa praça, cheio de desenvoltura enquanto distribui apertos de mãos e sorrisos largos de “bom dia”. O que pouca gente sabe é que, enquanto esbanja simpatia, também observa comportamentos. Faz parte da pulsão diária em entender um dos temas que mais ama: as relações humanas.

Algo que permeia a própria trajetória profissional. Professor, filósofo e pedagogo com pós-graduação em Economia Industrial, Oliveira arrumou espaço na agenda para atuar como agente de desenvolvimento em cooperativas, coordenador pedagógico em cursos de capacitação em centrais Sicoob de diferentes estados e consultor do Sebrae Nacional e Unidades Federativas.

Daí ser parceiro da Crediverentes no treinamento dos delegados que compõem o Sistema de Governança. Aliás, foi diante de um público com quase 200 pessoas no III Encontro do setor, em novembro, que interrompeu tudo o que dizia por alguns segundos e fitou Northon de Oliveira

“

Não se trata de abrir uma conta em uma instituição com serviços e taxas competitivas. É muito mais. É interagir, se manifestar, ver suas ideias sendo aplicadas

”

Torga, 20 anos, o representante mais jovem eleito pelos associados em São João del-Rei. “Vocês não imaginam o quanto esta visão me alegria. E deve alegrar toda a Credi, uma cooperativa que consegue a adesão de diferentes públicos e o engajamento deles”, explicou.

Não foi um ponto de representatividade isolado. No ano em que o número de eleitos avançou 33,3% (acompanhando o crescimento do número de cooperados), o total de mulheres delegadas também ganhou ampliações, alcançando estrondosos 700% (leia matéria completa na página TAL).

Para Oliveira, um marco na história da maior cooperativa de crédito do Campo das Vertentes e, ao mesmo tempo, um sinal de que não basta fazer parte, é preciso ser ouvido. Na entrevista a seguir, ele fala sobre o assunto.

Vertentes Cultural – *O Sicoob Credivertentes foi um dos pioneiros no Estado ao implantar o Sistema de Governança com base na atuação de delegados. Esse passo à frente significou ousadia, mas também o desafio de explorar algo novo quatro anos atrás. Pelo que percebeu no encontro de hoje, já é possível dizer que essa alternativa se consolidou?*

Inocêncio Oliveira – Com certeza. Na realidade, exatamente por envolver pessoas, toda essa estrutura é dinâmica e jamais estará finalizada. Mas se fortifica e apresenta como um caso de sucesso em resposta a demandas da própria instituição.

Veja bem, a Credivertentes tem hoje quase 17 mil associados, pessoas que são verdadeiras donas da cooperativa e, portanto, precisam ser ouvidas. Isso é possível? Em que espaço colocaríamos tanta gente? Seria possível criar alternativas para que tivessem voz ativa nessa multidão? A resposta para todas essas perguntas está no Sistema de Delegados e na ideia de que cada eleito representará cem cooperados. E exatamente por ser “eleito”, isso indica que os representados apontaram pessoas de

sua confiança e depositaram nelas a crença de que atuarão de forma ética, consistente e pelo bem comum.

Vertentes Cultural – *É aí que entra o fator motivacional, que o senhor tanto comenta?*

Inocêncio Oliveira – Exatamente. Não se trata de subir ao palco num Encontro de Delegados e tomar posse, receber um diploma. Antes disso, aquele ritual é comprovação de reconhecimento. Os associados consideraram que aquele representante ali é diferenciado e deram a ele a missão de ouvir suas demandas para, mais tarde, decidirem sobre o futuro da cooperativa junto à diretoria. Há, na prática, engrandecimento e empoderamento.

Vertentes Cultural – *Por falar nisso, o primeiro time de delegados, empossado em 2013, contava com apenas três mulheres. Em 2016 saltamos para 21. O que esse avanço significa?*

Inocêncio Oliveira – Um símbolo prático do interesse público em fazer parte daquilo a que está associado. Não se trata de abrir uma conta em uma instituição com serviços e taxas competitivas. É muito mais. É interagir, se manifestar, ver suas ideias sendo aplicadas e influenciarem nos rumos da cooperativa.

Existe todo um cenário histórico atual incentivando mulheres, inclusive na política, a ocuparem seus espaços. E a vontade coletiva em, no caso de votações, elegê-las para esses postos. O interessante no caso do Sistema de Delegados é que esse crescimento imenso no total de mulheres eleitas não se deu por cotas, por definição em regimento de que uma porcentagem dos representantes deveria ser do sexo feminino. Foi natural. Mais mulheres se dispuseram à candidatura e mais pessoas as escolheram. Isso é maravilhoso.

Vertentes Cultural – *O mesmo vale para o público jovem que, aliás,*

é essencial para que o cooperativismo se renove e siga existindo?

Inocêncio Oliveira – Nada mais natural do que o envelhecimento. E ele significa, para homens e mulheres que antecedem cada geração, a necessidade de pausa, descanso. Há também o fato de que o tempo aponta para desgaste quando essa “Terceira Idade” é institucional. Crescer, avançar e modernizar requerem renovação, juventude presente. E desses jovens engajados esperamos o compromisso de incentivarem e angariarem outros como eles.

Algo que a nova geração pede por si só. Ela está sedenta por encontrar sentidos importantes na vida, mais ainda no instante em que, no Brasil, por exemplo, há gritos de mudança em todas as esferas sociais. Por outro lado, é importante mostrar aos mais novos que eles são bem-vindos, necessários, que redes de transformação estão sendo formadas e eles são protagonistas delas também.

Vertentes Cultural – *Aliás, todo e qualquer protagonismo requer grande conhecimento de causa e interesse em colocá-lo em prática. O objetivo do Encontro de Delegados é exatamente o de preparar os representantes dos associados e aprimorar as características que os fizeram ser eleitos. Esse impacto interfere no cotidiano, também?*

Inocêncio Oliveira – Certamente. Toda informação bem repassada e absorvida é transformadora. No caso do cooperativismo, devido à sua filosofia humanista e participativa, muito se fala e pratica sobre relações interpessoais, apoio mútuo e perfis empreendedores. Todos temas que compõem o dia-a-dia de todas as pessoas. Quem passa por um Sistema de Delegados aprende muito sobre princípios que podem fazer a diferença em casa ou no próprio negócio enquanto fortalece a cooperativa, estabelece conexões, articula, faz novos amigos. Daí dizermos sempre que essas oficinas são vivenciais e não simuladas.



Com o associativismo, a faca e o queijo na mão

- Meu nome é João Dutra. Sou produtor de queijo clandestino.

Era assim que o grande idealizador do famoso Queijo Catauá se apresentava em reuniões junto a outros ruralistas mineiros e representantes do Governo do Estado até novembro de 2009. Antes dali e de a Portaria nº 1.022 ser publicada, o Campo das Vertentes não era reconhecido como produtor de Queijo Minas Artesanal. Ou seja, aquele fabricado manualmente a partir do leite cru, não pasteurizado.

Uma ironia intrigante, já que a região é considerada berço legítimo do produto. “Na realidade, são daqui os primeiros relatos de produção queijeira nesses moldes, no século XVIII. Aos poucos, o conhecimento foi se alastrando por outras áreas e ganhando força. Mas, infelizmente, desapareceu ‘em casa’. Tanto é que há 25 anos, quando o Catauá começou a ser produzido, foi necessário buscar o pingo na Canastra”, conta uma das filhas de Dutra, Mariana Resende, em referência ao “DNA do queijo”, um fermento natural líquido extraído dele após receber sal e desidratar. Na prática, o pingo de um dia dá consistência e sabor ao queijo produzido nas 24 horas seguintes, em um ciclo extraordinário.



Hoje, a realidade é um pouco diferente. Com chancela para sua produção queijeira, o Campo das Vertentes se destaca no sabor da iguaria e já vislumbra espaço maior no mercado. Por outro lado, amarga restrições legais e impasses burocráticos que dificultam a circulação do produto fora dos limites mineiros, chegando a cobrar dos pequenos produtores as mesmas padronizações impostas aos grandes laticínios. “Isso sem falar na postura higienista. Aqui, por exemplo, exigem que a água utilizada na produção do queijo seja clorada. Na França, se a gente conta uma coisa dessas, ganha um olhar de susto e grande reprovação. O cloro mata a microbiota natural do leite e tira do produto final o sabor e a textura diferenciada. Até a utilização de madeira proibiram. Originalmente, havia uma grande mesa desse material por onde o soro escorria e, naturalmente, surgia um biofilme protetor ali. Querem tudo de inox ou pedra”, lamenta Mariana.

Com faca e uma das maiores delícias do Estado nas mãos, além de grandes objetivos em mente, produtores se uniram para formar, em julho deste ano, a Associação do Queijo Minas Artesanal das Vertentes (AQMAV). Em seis meses, aliás, conseguiram atrair o interesse de cinco pesquisas científicas sobre o tema e, ainda, abocanharam oito medalhas em um concurso nacional.

O GRUPO

Com currículo impressionante, mesmo ainda em fase de implantação e oficialização burocrática, a AQMAV conta com oito produtores re-

gionais. Segundo Mariana, que preside o grupo, a associação poderia contar, atualmente, com cerca de 70 produtores de queijo de todos os municípios das Vertentes. “Mas ainda existe uma cultura de ‘esperar acontecer para pertencer’. Então, lutamos pra garantir as primeiras conquistas e provar a que viemos”, diz em referência aos associados de Coronel Xavier Chaves, São João del-Rei, Tiradentes, Carrancas e Conceição da Barra de Minas.

Na realidade, a AQMAV é resultado de iniciativa longa, com primeiras sementes lançadas ainda em 2003. “Meu pai sonhava em resgatar a forma de produção artesanal do queijo e, pra isso, começou a ensinar as técnicas a quem quer que se interessasse. Foi nesse momento que as reuniões polêmicas se tornaram frequentes (*risos*). Na realidade, qualquer conquista nesse setor sempre vem com atos de resistência”, acrescenta Mariana.

Há quatro anos, aliás, ela se tornou braço direito nas lutas do pai e, há dois, tem se dedicado integralmente ao Queijo Catauá e ao desenvolvimento da associação, que chegou ao ápice em 2016. Antes, Mariana se tornou vice-presidente da Comissão Técnica - Queijo Minas Artesanal, da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg); e, com a visibilidade, passou a ser convocada para encontros mineiros, nacionais e até internacionais sobre o assunto. “Surgiram, então, vários questionamentos internos. Eu analisava: ‘Ok, vim aqui representar produtores. Mas quem são eles? Por quem estou falando? Não posso



dar voz a uma região se não sei exatamente o que os integrantes dela estão pensando”, lembra.

APOIOS

Da angústia veio a mobilização intensa, a busca por contatos, a interação com outros queijeiros e as respostas positivas. Parte delas através de respaldos da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater-MG), da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

O último, aliás, foi promotor de uma missão *in loco* que levou queijeiros do Campo das Vertentes à região da Canastra. Lá, tiveram contato com a Associação de Produtores de Queijo Canastra (Aprocan). “Recebemos o suporte, as orientações e a motivação que precisávamos”, conta Mariana.

E não há por que negar isso. Logo depois, as primeiras conquistas vieram.

VITÓRIAS

Em agosto de 2017, uma chamada para pesquisas sob o tema “Queijo Artesanal: tecnologias para seu aprimoramento” acendeu faíscas importantes na AQ-MAV: a ciência, além de auxiliar no desenvolvimento de práticas produtivas na região, poderia ser vitrine para as iguarias típicas locais.

A estratégia, então, foi simples – entrar em contato com cientistas do setor e sugerir o Campo das Vertentes como um laboratório prático. Deu certo e cinco

projetos enviados à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) citaram esta parte de Minas como base de estudos.

Não foi só isso. Em outubro, as boas notícias vieram do Concurso Prêmio Queijo Brasil, promovido pela Associação de Comerciantes de Queijo Artesanal e a revista *Prazeres da Mesa*. Na terceira edição do evento, com 405 concorrentes de todo o país, queijeiros das Vertentes voltaram para casa com oito medalhas, duas delas de ouro, três de prata e três de bronze. “Temos história, talento, ingredientes de excelência... tudo aqui, nos quintais, em propriedades rurais. Por que não impulsionar isso? Por que não nos unirmos para fortalecer algo tão grandioso, delicioso e capaz de transformar economias?”, encerra Mariana.

BARREIRAS

Em setembro deste ano, uma fiscalização da Vigilância Sanitária gerou polêmica de peso no Rock in Rio. Na época, 160kg de linguças e queijos artesanais foram apreendidos e inutilizados no estande da chef Roberta Sudbrack. O motivo? Nada relacionado a desvios ou produtos impróprios para consumo.

O impasse, na realidade, foi causado pelo fato de que as iguarias vinham de pequenos produtores que não contavam com o selo do Serviço de Inspeção Federal (SIF). Na prática, a situação não é incomum. Já existe um reconhecimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural Brasileiro (Iphan), reconhecendo o modo de produzi-lo como “Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro”. Nada, porém, que abrande as restrições legais envolvendo a circulação dessas mercadorias fora de MG.

Acontece que pelo menos desde os anos 1950 existem leis nacionais que arrocham as possibilidades de comercialização do queijo baseado no leite cru ou cobram selos de aprovação que, no caso do âmbito federal, são envoltos em burocracias consideradas desproporcionais. Isso porque, além de serem semelhantes às válidas para grandes laticínios, descaracterizam o “fazer” artesanal.

“Visitamos a França recentemente e nos deparamos com um grande sentimento de união por lá. Os produtores não se veem com competitividade. São pessoas cheias de talento e vontade de fazer o melhor. Todas unidas tanto na luta por direitos e atuação no mercado quanto pela aquisição de insumos a preços competitivos e sustentáveis. É isso o que sonhamos no Campo das Vertentes”, explica Lúcia Maria Resende, de Tiradentes. Há seis anos, ela se dedica à produção do Sabores do Sítio, que ostenta o título de Melhor Queijo Minas do Estado.



Tem sentido ser dono da própria maquininha e usar outra?

Não, não tem sentido.

Quem faz parte do cooperativismo sabe que a Sipag é sempre a melhor opção na hora de escolher uma solução em vendas, pagamentos e antecipação de recebíveis. Ela não possui taxa de adesão e oferece um benefício que nenhuma outra maquininha tem: o lojista participa dos resultados gerados pela Sipag. Afinal, no cooperativismo, você é dono da sua cooperativa e, por isso, pode ganhar mais nas suas operações de débito e crédito.

Sipag, a maquininha de fazer bons negócios.

sipag.com.br
Ligue 3004-2013 - Capitais
0800 757 1013 - Demais localidades
0800 646 4001 - Ouvidoria
Seg. a sex. 9h às 18h - Atendimento
0800 940 0458
Deficientes Auditivos ou de fala

Diretora-Executiva no Conselho de Administração do Sicoob Credivertentes

Portas (sempre) abertas para os desafios

Quando assinou o termo de posse no Centro Administrativo da Credivertentes, em outubro de 2017, a atual diretora-executiva do grupo, Flávia Alves Coelho, assinou também um novo contrato com os desafios.

Algo recorrente na carreira cooperativista que ultrapassa 18 anos: recém-graduada no final dos anos 1990, a cientista contábil deu os primeiros passos nesse mercado no Sicoob Crediriodoce, de Governador Valadares, onde começou como Caixa.

Dali saltou para a Tesouraria e, de lá, para a Contabilidade, onde atuou ao longo de oito anos até ser convidada para integrar a

“

A abertura da 18ª agência da Credi em Belo Horizonte tem tudo para dar certo. Ou melhor: a cooperativa só aceitou essa proposta de expansão porque acredita nela

”

equipe da Central Crediminas, em Belo Horizonte. Foram sete anos na Auditoria do sistema antes de dizer “sim” a uma outra proposta: assumir a Diretoria do Sicoob Credifiemg.

Dois anos depois, teve a oportunidade de partir para outra direção, no interior mineiro. E foi assim que chegou a São Tiago para compor o time do Sicoob Credivertentes em posição assumida antes, ao longo de quase 15 anos, por Jasminor Vivas.

Chegou, aliás, no olho do furacão. Ao aceitar o cargo de nova diretora-executiva, Flávia abraçou uma cooperativa que ultrapassou a marca dos 30 anos com 17 agên-



Flávia assina termo de posse na diretoria da Credivertentes: experiência, coragem e amor pelo cooperativismo

cias e se preparava, ainda, para desembarcar na capital mineira, Belo Horizonte.

Nesta entrevista, Flávia fala sobre escolhas, futuro, perspectivas e, claro, cooperativismo.

Vertentes Cultural – No momento em que a Credivertentes che-

ga a Belo Horizonte, você toma uma direção inversa e vem para uma cidade pequena do interior. Como foi essa mudança?

Flávia Alves Coelho – Um choque. Mas no sentido extremamente positivo da palavra (*risos*). Profissionalmente, houve a responsabilidade imensa de dar con-

tinuidade ao trabalho do Jasminor Vivas, um homem com nome, postura e realizações de peso. Houve frio na barriga misturado à inspiração na trajetória dele, fé na minha capacidade e a determinação de vencer desafios.

Somado a isso, houve a adaptação rotineira. Na realidade, quan-



do você deixa uma metrópole ou mesmo as cidades de maior porte no Estado rumo ao interior, acaba se deparando com um ritmo de vida bem mais calmo em todos os sentidos. A mente e o corpo demoraram a entender o sumiço da agitação. Por outro lado, responderam a tudo isso com qualidade de vida melhorada.

Vertentes Cultural – *Além de ter vivenciado o cotidiano da capital, você acumulou grande bagagem e profundo conhecimento sobre o mercado financeiro por lá. Na sua opinião, então, quais serão os maiores desafios da Crediverentes belorizontina?*

Flávia Alves Coelho – Um deles está na dinâmica das relações. Quase todas as cidades em que a cooperativa está atualmente são comunidades com convívio intenso dos moradores. Nelas, o Fulano conhece o Cicrano que é filho de Beltrano e dá referências sobre ele.

As pessoas, mesmo não sendo vizinhas, sabem que um é extremamente confiável, que o outro trabalha na fazenda e tem crescido nos negócios. É claro que há procedimentos sérios e rigorosos para cessão de crédito, por exemplo, em absolutamente todos os Pontos de Atendimento.

Mas a procura por ele vem antecedida por conhecimento entre as pessoas. Na capital, não. Em tese, todos são estranhos e, sabemos, a incidência de fraudes também cresce. A atenção a esses contextos será essencial, equilibrando o atendimento diferenciado, acolhedor e humanizado à minúcia de cuidados maiores.

Vertentes Cultural – *O fator “competitividade”, num momento em que o cooperativismo ainda se consolida nos grandes centros, pre-ocupa?*

Flávia Alves Coelho – Não vejo como preocupação... Para ser sincera, analiso tudo sob outra perspectiva e, na prática, diria que apresentar nossa marca, nossos

produtos, nossos serviços e nossa filosofia visando aproximar mais pessoas do cooperativismo é uma meta. E acredito que será cumprida com sucesso.

A abertura da 18ª agência da Credi em Belo Horizonte tem tudo para dar certo. Ou melhor: a cooperativa só aceitou essa proposta de expansão porque acredita nela. Prova disso são os investimentos feitos na estruturação de uma agência moderna e confortável aos associados; além da procura por grandes profissionais no mercado e do treinamento extenso por que têm passado.

Vertentes Cultural – *Por falar em “projeto de expansão”, receber o convite da Central Crediminas nessa empreitada mescla reconhecimento a ousadia. Certo? Como interpreta isso?*

Flávia Alves Coelho – As duas coisas estão ligadas e trazem junto, também, a responsabilidade que se amplia na medida em que cada porta é aberta. A Crediverentes completa 32 anos em 2018 e já está bem perto de somar 18 mil associados enquanto se prepara para chegar a Belo Horizonte e Piedade do Rio Grande depois de implantar o 17º Ponto de Atendimento, recentemente, em Senhora dos Remédios.

Tudo isso significa prosperidade, sucesso, sustentabilidade e reconhecimento no mercado. Porém, em nenhum empreendimento os resultados positivos devem significar momento para comodismo.

Vertentes Cultural – *Essa questão que acabou de mencionar se intensifica no sistema financeiro e dentro de uma estrutura cooperativista? Afinal, ela é gerida pelos próprios associados e profundamente ligada às comunidades.*

Flávia Alves Coelho – Exatamente. Veja bem: caso cruzemos os braços e acreditemos que nosso ápice é desembarcar na metrópole, não vamos dar certo em BH. Alcançar um marco histórico

e comemorar é pouco. Só o começo. Porque é essencial trabalhar para que ele dê frutos. Aliás, é preciso começar internamente, cuidando dos colaboradores que fazem a cooperativa funcionar.

Não basta pensar em caixas eletrônicos e aplicativos. Antes, é necessário zelar pelo fator humano. Só dessa forma a instituição está pronta para as demandas mais amplas.

Uma delas, inclusive, envolve analisar com detalhes as peculiaridades do local onde estamos desembarcando também. A agência em Belo Horizonte é a mais distante no nosso mapa de atuação e abrange um público diferente, essencialmente comercial, enquanto nas Vertentes há predominância do empresário rural. Mas não acho que haverá dificuldades nisso. Está tudo encaixado.

Vertentes Cultural – *O fato de a região ser formada por municípios com talentos e especificidades diversificadas fortalece essa sua percepção? Afinal, a gestão de cada Ponto de Atendimento precisa respeitar e se adequar a essas nuances ao mesmo tempo em que sustenta princípios cooperativistas iguais.*

Flávia Alves Coelho – Na realidade, é nessa característica que baseio meu ponto de vista. Aliás, confesso, me encantei com essa multiplicidade quando cheguei aqui. Quando dizemos que a maioria dos associados é empreendedor rural, estamos simplificando uma classificação que, na realidade, envolve uma infinidade de negócios – e todos têm demandas específicas a serem cuidadas.

Há outro detalhe: cada comunidade em que a Credi está tem potenciais muito distintos. Em uma o destaque econômico é a produção de biscoitos; em outra o couro; na terceira o artesanato... A Credi, felizmente, teve jogo de cintura e estratégia para gerir tudo isso e funcionar. É um talento extraordinário que fará a diferença em qualquer lugar que for.

Representar para cooperar e avançar

FOTOS: DEVIDSON COSTA

Sistema de Governança prova que diversidade e integração são chaves para o sucesso - e o futuro



*María Lúcia ,
Míriam Resende,
Ivânia Santos,
Guilherme Costa
e Geraldo Rocha:
representatividade
importa e faz a
diferença*

Uma palavra além de *sucesso e crescimento* define o ano de 2017 na Credivertentes: *representatividade*. Para começar, de 5 a 28 de junho, uma comitiva eleitoral percorreu 16 municípios com Pontos de Atendimento do grupo com uma missão especial: atuar na escolha democrática dos novos delegados que dariam voz aos 16,1 mil associados da cooperativa.

Ao final da jornada, 161 pessoas foram escolhidas como canal direto de ligação entre agências e diretoria, além de votar pautas importantes nas Assembleias anuais.

O ápice do processo ocorreu no dia 18 de novembro, em Barbacena, quando todos os eleitos foram empossados. E começou a ser traçado, aí, o perfil do Sistema de Governança vigente até 2021.

NÚMEROS

Em 2013, ano da primeira eleição de delegados, foram escolhidos 120 nomes. Um para cada grupo de cem associados em seus respectivos Pontos de Atendimento. Quatro anos depois, esse número avançou 32%, acompanhando o fenômeno de crescimento nas adesões à cooperativa.

Tudo isso com renovação no quadro de representantes. Dos 161 eleitos, 59 emendam mandatos, representando 52% de reestruturação na lista de representantes.

Nas votações, a maior participação foi registrada em Barbacena, com 153 eleitores. Essa mobilização significou 11,8% dos votos registrados, que totalizaram 1.293 nas 16 agências da Credi inauguradas até então.

DIVERSIDADE

Mais de 80% das agências contam com mulheres em seus grupos de delegados com destaque para São Tiago, Mercês de Água Limpa e Resende Costa. Isso porque cada uma dessas comunida-

des somou três eleitas num ano com grande envolvimento feminino no Sistema de Governança.

Na prática, o salto no total de delegadas bateu os 700%, partindo de apenas três em 2013 para 21 em 2017.

Uma delas é a professora aposentada Maria Lúcia Resende. “Sou associada desde a abertura da agência em Resende Costa, em



1996, e sempre gostei de me envolver com os assuntos da Credi. No princípio, por curiosidade, por querer entender a engrenagem de algo tão diferente e humano, mesmo envolvendo capital. Depois, por ter me apaixonado pela filosofia da instituição da qual, na verdade, sou dona”, revelou.

A interação entre diferentes gerações também marcou a nova lista de representantes dos associados. Atualmente, os delegados em atividade têm entre 20 e 73

anos. O mais jovem está em São João del-Rei enquanto o mais velho foi eleito em Itutinga.

ENCONTRO

Márcio Almeida é empreendedor e abre as portas, seis vezes por semana, de uma loja de produtos agropecuários em Santa Rita do Ibitipoca. No dia 17 de novembro, já se preparava para dormir quando recebeu um telefonema: o tio de dois funcionários havia falecido e, no dia seguinte, eles se ausentariam do trabalho.

Acontece que o “dia seguinte” era uma data especial: sábado, 18, dia de posse de Almeida como um dos 161 delegados do Sicoob Credivertentes. “Cheguei a quase cancelar minha vinda. Mas lembrei do quanto aquele momento era importante e tudo o que a cooperativa representa pra mim”, contou.

Resultado: horas a fio tentando reorganizar a rotina da loja, noite encurtada e, mesmo assim, disposição total para participar do *III Encontro de Delegados da Credi*, em Barbacena.

Bem como Almeida, outras 200 pessoas passaram pelo evento, marcado por posse efetiva e um curso preparatório para os novos representantes dos associados Sicoob no Campo das Vertentes.

DEPOIMENTOS

O Sistema de Governança foi idealizado pelo diretor executivo-financeiro Luiz Henrique Garcia e pela gerente-administrativa Adriana Martins há cerca de cinco anos.

O objetivo era ampliar a participação dos cooperados em consonância com o crescimen-





O total de delegados saltou de 120 em 2013 para 161 em 2017.

cedo e estamos aqui agora porque somos agentes de mudança. Mudança no nosso cotidiano; mudança na cooperativa em sua comunidade e, passo a passo, de todo o cenário”.



Barbacena reuniu a maior quantidade de eleitores: 153.

Júlio César de Andrade Miranda. Entre os temas, “Quem é quem no universo da cooperativa”; “Marketing pessoal, reputação e papel do delegado”; Ética e confiança”; “Espaço crucial do delegado e a

liderança”.

Charles Nascimento, eleito delegado em São João del-Rei, comemorou a agenda. “Aprendi bastante sobre minha atuação na Credi e, além disso, vou levar muito do que foi ensinado para o meu dia a dia como empreendedor”, disse.

to gigantesco da cooperativa na última década. A palavra-chave, então, passou a ser representatividade. “No entanto, para isso, é preciso que as pessoas eleitas se preparem, abracem o conhecimento como parte inerente de suas atividades. Só assim haverá avanço e transformação, principalmente num momento como o que o país enfrenta agora”, frisou Adriana.

Algo semelhante apontou Garcia. “Não se começa uma casa pelo telhado. Acordamos

PALESTRAS

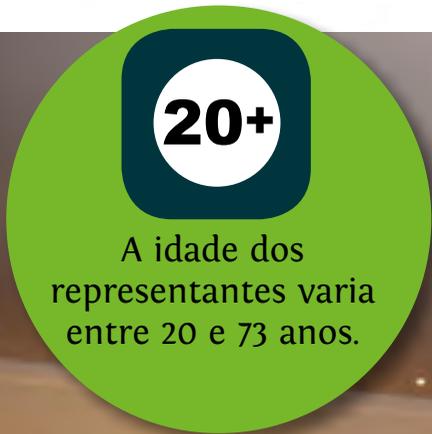
Dois grandes nomes se revezaram nas palestras ministradas ao longo do III Encontro de Delegados: Inocêncio Magela de Oliveira; e



O número de delegadas cresceu mais de 700%.



A lista de integrantes do Sistema de Governança foi renovada em 52%.



A idade dos representantes varia entre 20 e 73 anos.



**Abra uma Poupança Sicoob.
E deixe seu porquinho livre para
fazer tudo que não pode quando
está cheio de moedas.**



**#Liberte seu
PORQUINHO**
Poupe no Sicoob

A Poupança Sicoob tem a força da maior instituição financeira cooperativa do País. Poupe no Sicoob. Seu porquinho ganha vida nova e seu dinheiro, vida longa.

Game, filmes e muito mais: www.liberteseuporquinho.com.br



Procure uma cooperativa Sicoob.
SAC: 0800 724 4420 - Ouvidoria: 0800 646 4001
Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458

 **SICOOB**
Credivertentes

Costurando sonhos

Linhas invisíveis de solidariedade e esperança unem possibilidades, transformações e vidas no Maria Maria, em Barbacena

“Eis aqui a serva do Senhor”. Conta a Bíblia, no Novo Testamento, que foi essa a resposta resiliente da jovem Maria ao ouvir, do Anjo Gabriel, que geraria no ventre o Filho de Deus.

“Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida”. Canta Milton Nascimento em seu clássico *Maria Maria*, de 1978. A passagem religiosa se somou à letra forte da MPB e deu nome ao... *Maria Maria*, um dos “braços sociais” no Instituto Bom Pastor, em Barbacena. A iniciativa costurou as primeiras parcerias em 2010 e hoje, sete anos mais tarde, é ação consolidada oferecendo a 21 mulheres possibilidades de renda, autoestima e convivência.



ATIVIDADES

Num galpão recém-reformado com dez máquinas de costura industriais e duas domésticas, jovens, adultas e senhoras com idade entre 20 e 80 anos se encontram pelo menos três vezes por semana para aprender e desenvolver habilidades que vão desde bordado livre a tricô, crochê e *patchwork*, passando por costura. Há, ainda, o incentivo a trabalhos artesanais como a produção de sabonetes ecológicos.

Isso considerando, claro, as atividades rotineiras. Quando o assunto é o calendário completo do Maria Maria, a agenda lota com realizações extras. Em geral pelo menos três oficinas complementares são promovidas no espaço e reúnem, em média, 30 pessoas. Nelas, as participantes já aprenderam inclusive sobre o ofício de cabeleireira.

Na prática, porém, o projeto é muito maior. Além de novos talentos e novas possibilidades de rendimento, as mulheres encontram companhia, distração e grandes oportunidades para falarem e serem ouvidas. Ou seja: pertencimento e empoderamento são as linhas fortes que unem cada integrante. “Somos uma verdadeira e reconfortante colcha de retalhos”, define uma das fundadoras do grupo, Zulmira Monteiro da Costa.

PRODUÇÃO

Dezenas de mãos lidam com tecidos e diferentes materiais artesanais enquanto mentes fervilham com novas ideias e corações se acalmam no Maria Maria.

Lá, quem quiser se encontra e se reconstrói, independentemente do motivo. Basta entrar em contato e disponibilizar algumas horas diárias. “Aqui há mulheres que querem espalhar, tirar um tempo pra si, desenvolver uma aptidão para trabalhar de forma autônoma, abraçar uma causa, fazer amizades, transformar a própria realidade”, explica outra integrante

da equipe, Maria Fernanda Dias Fernandino.

Aliás, tão diversa quanto as identidades de quem compõem o projeto é a lista de confecções realizadas ali. No currículo do Maria Maria estão vestes eclesiais para paróquias locais; velas litúrgicas; sabonetes ecológicos feitos com óleo usado e doado pela comunidade; cortinas tradicionais e de fuxico; almofadas; vasilhames cobertos com tecido. Tudo somado a mutirões solidários que terminam, entre outros resultados, com 50 cobertores revestidos e doados para crianças e idosos. Outro registro importante inclui cem pijamas de flanela entregues a uma pastoral infantil.

Já no cotidiano, o destaque fica para os 150 mil lacinhos de pet shop produzidos anualmente – isto é, mais de 10 mil por mês – e exportados para Belo Horizonte. Esse montante gera renda para mais de 20 famílias em Barbacena, com produção caseira. “Repassamos as técnicas, providenciamos os materiais e, com isso, as produtoras podem trabalhar de casa cuidando dos filhos, por exemplo”, explica uma das coordenadoras voluntárias do setor, Sueli Bernini.

A meta agora? Produzir roupinhas completas para animais de estimação a partir de 2018.

HISTÓRIAS

Luisa Leijoto, uma das fundadoras do Maria Maria, só troca sorrisos por lágrimas nos olhos ao contar sobre a “fibra misteriosa”, um pedaço de tecido que apareceu certa vez no ateliê. “Estava finalizando uma peça, já na última costura, quando a serrilha de uma das máquinas puxou um pedaço dela e desgastou tudo. Era um pedaço



de pano definitivamente perdido. Fiquei chateada, havia demanda de um bom tempo produzindo e não queria desperdiçar. Lamentei um tempinho e, quando voltei o olhar, percebi que o estrago havia desaparecido. Não sei como. Pra mim, foi um sinal de que o inesperado pode acontecer sim a qualquer um que tem fé”, diz.

Há, ainda, outra interpretação: a transformação inexplicável pode ser metáfora perfeita para quem passa pelo projeto. “Não é fácil realizar ações sociais. Muito menos mantê-las. Todos os dias há um desafio diferente a ser vencido, uma conquista nova a ser alcançada. É preciso respirar fundo, ter muita fé. E uma de nossas motivações nisso tudo está exatamente nas histórias de superação, nas risadas leves, nos agradecimentos e nos ‘até amanhã’ que sempre ouvimos”, confessa Zulmira.

Já Luisa completa: “Cada abraço firme e cheio de afeto ou

‘amém’ mais alto nos nossos momentos de oração significa muito”.

Algo semelhante comenta outra voluntária da iniciativa, Leda Prenazzi. “Querida fazer algo por alguém e passar adiante o que eu sabia. Então há cinco anos escolhi fazer parte do projeto. Sou uma pessoa feliz em servir, ajudar, estar rodeada por outras mulheres que lutam para conquistar autonomia – e conquistam. Estar lá é uma das minhas grandes alegrias”, garante.

FUNCIONAMENTO

As confecções do Maria Maria, na sede do Instituto Bom Pastor, acontecem de segunda a quarta-feira, de 13h30 às 17h, num galpão

reformado em meados de 2017 com apoio do Sicoob Credivertentes.

Na época, a cooperativa de crédito incluiu a iniciativa no Dia C e doou R\$25 mil para aperfeiçoamento das atividades. Força financeira que foi ao encontro da força pessoal de cada participante da proposta.

Sempre que todas as mulheres se encontram, fazem intervalo às 15h e, nele, acontece um ‘café com partilha’. Nesse momento, elas falam sobre o dia, a vida, as dificuldades, os sonhos. “Conversamos muito durante a produção, claro. Nossa relação é muito leve. Porém, há quem pareça esperar exatamente esse momento para



Zulmira, Luíza, Vany e Maria: mulheres se unem para ensinar e empoderar

FOTOS: DEVIDSON COSTA

se abrir, desabafar ou pedir uma oração. É bonito e fortalecedor. Todas nós formamos uma verdadeira corrente de amor”, define Vany de Assis Lopes Becho, responsável pela realização dos brechós no projeto.

É em nome dele que todas as mulheres envolvidas pedem participação. De acordo com elas, nem sempre é fácil conquistar adesões. Há quem se intimide, não confie nos próprios dons, fuja de interações. O chamado, porém, é caloroso: “Todas são bem-vindas”, dizem quase em coro.



RECOMEÇO

Durante 22 anos, Ângela Américo da Silva passou quase todas as noites da semana testemunhando a loucura de um plantão para Urgências e Emergências. Conta que, nesse período, mal viu a filha mais velha, de 18 anos, crescer.

“Paguei um preço alto e lamentei muito quando percebi que o mesmo aconteceria com a caçula, hoje com 6 anos”, conta. E não foi fácil. Junto com o nascimento da pequena, começaram outros turbilhões particulares que minaram suas energias e quase acabaram, como diz, com a própria sanidade.

Na parte da manhã, lembra suspirando, cuidava da mãe enferma em casa e da bebê. Depois, seguia para o trabalho, onde virava a noite convivendo com cenas frenéticas de socorro. “A sensação era de que a cabeça iria pifar. Ou então o coração”, lembra. Para piorar, havia o dilema maternal. De acordo com Ângela, não

foram poucas as vezes em que amamentou a filha às 4h, após horas a fio sem contato com ela.

PERDA

Há cerca de cinco anos veio o baque: o falecimento da mãe. Mas nessa hora, como uma providência divina, surgiu o Maria Maria. “Me ensinaram a produzir lacinhos para pet shop, acreditei que podia e comecei a trabalhar. Larguei tudo, comecei a passar mais tempo em casa e, hoje, tenho uma renda que me ajuda financeiramente e emocionalmente”, explica.

Com produções intensas que já chegaram a 1,5 mil itens por quinzena, Ângela fala sobre calma, paciência, tranquilidade, saúde mental e maior proximidade com a família. “Uma das coisas que mais prezo é ver todo mundo sentadinho separando tecidos, ajudando a confeccionar laços. A vida me deu uma oportunidade extraordinária e só posso ser grata”, encerra.





“A maior alegria da minha vida foi ter comprado uma van logo que me aposentei e, com ela, levar minha mãe três vezes a Guarapari antes de falecer”. Com esse trecho, o são-tiaguense Antônio Clemente Maria consegue resumir os três pilares que o sustentaram nos 80 anos de trajetória até aqui: a paixão por volantes e estradas; a boa-vontade em servir; a devoção à família.

E nela se inclui a esposa, Marta de Oliveira Reis. É a companheira que ele alcança com poucos passos ao se levantar da cadeira durante a entrevista à revista *Vertentes Cultural* na casa em que moram, no distrito de Marilândia. É ela que ele abraça carinhosamente e, com um afago nos cabelos, solta um dengoso “eu te amo”. Os dois se casaram em 1965, em São Tiago, e passaram boa parte de 1966 separados enquanto Clemente dirigia religiosamente a Linha 551, da então Viação Santo Antônio. Nada menos que a primeira da história ligando Divinópolis a São João del-Rei em trajeto que, à época, demandava até oito horas de viagens e uma “coleção de perrengues”. Em um deles, aliás, Clemente esbarrou com Roberto Carlos e, irritado, se envolveu em um impasse cômico.



PELA ESTRADA, VIDA E FELICIDADE AFORA

*A história de um dos primeiros
condutores de ônibus entre
São João e Divinópolis*

DIFICULDADES

O transporte de passageiros entre o Sul do Estado e a região Centro-Oeste, ligando São João del-Rei a Divinópolis, começou em meados dos anos 50, mas só na década seguinte Clemente passou a ser o grande comandante dessa viagem. Nada glamourosa, diga-se de passagem.

Se hoje o trajeto entre os dois municípios demanda três horas em um ônibus convencional, naquela época a travessia significava oito horas com rodas numa estrada que, nada estruturada, se transformava em perigo diário para condutor e passageiros.

“Eu acordava às 5h todos os dias e começava a trafegar às 6h. Só chegava ao destino às 14h e emendava a empreitada até 22h consertando ônibus pra manhã seguinte. Na realidade, ajustar o veículo pra ele funcionar era tarefa rotineira porque fazer a ligação entre as duas cidades significava atravessar estradas de chão, ficar preso em buracos, cruzar pontes despencando, afundar na lama”, relembra Clemente.

O CABELUDO

E foi em meio ao lamaçal que, certa vez, precisou estacionar o ônibus para ajudar o motorista e os passageiros de uma Kombi. “Era dezembro, chovia muito e a cena mais corriqueira era de veículos entalados. O jeito era rezar pro nosso não ser um deles e dar uma mãozinha sempre que alguém precisasse. Mais ainda se estivesse interrompendo o nosso caminho”, conta.

Foi o que aconteceu nesse episódio. A Kombi vol-



tava de Itapecerica, onde havia acontecido uma formatura, e acabou ficando presa”.

O capítulo seguinte dessa história virou piada: quase todo mundo desceu do automóvel utilitário para tentar empurrá-lo. Só uma pessoa ficou lá dentro, imóvel, sem sequer olhar pra trás. “Quando as coisas começaram a dar errado fiquei irritado com o moço parecendo estátua dentro da Kombi. Aí gritei: ‘Esse cabeludo não vai ajudar, poxa?’. Veio um silêncio absurdo que só entendi o motivo horas mais tarde”, gargalha.

O tal ‘cabeludo’ era ninguém menos que Roberto Carlos, à época um rapaz desafiador da moda e do tradicionalismo musical brasileiro enquanto consolidava a Jovem Guarda. Divertido, Clemente se defende dizendo que não mentiu: “Ué, ele tinha cabelo comprido mesmo, gente!”.

O próprio Roberto não discorde do apelido. Afinal, é ele quem canta em Detalhes, um de seus maiores sucessos: “Se um outro cabeludo aparecer na sua rua e isto lhe trazer saudades minhas, a culpa é sua”.

CAUSOS

Nos quase três anos de viagem, Clemente foi testemunha e protagonista de vários outros impasses que, garante, o divertem. “O jeito era lidar com bom humor. Passar por tantos municípios e distritos ao longo de oito horas com tantos riscos enlouqueceria qualquer um. Por outro lado, sempre fui grato às oportunidades que a vida me deu e ao fato de, naquela época, prestar um serviço essencial, por ser o único. Não havia outra saída”, frisa.

E completa: “Na realidade as coisas parecem absurdas hoje porque temos rodovias asfaltadas, roteiros alternativos e mais curtos. Nos anos 50 e 60 nem sonhávamos com isso”. Daí a construção de grandes amizades, inclusive. “Havia um tratorista que sempre nos socorria muito sorridente. Bastava

chover mais forte para ele desmontar na estrada, em Carmo da Mata, nos ajudando a atravessar”.

Havia, ainda, outro ponto crítico, no Rio Jacaré. Segundo Clemente, um trecho tinha nada menos que quatro pontes. “Era muito grande e virava enchente com qualquer chuvisco. Quando alagava, a água subia o suficiente para invadir o ônibus. Molhava tudo. Mas os passageiros se agarravam aos pertences, os erguiam e incentivavam a travessia. Isso quando a máquina não pifava. Lembro sempre de uma revendedora de cosméticos dobrando o vestido e carregando caixas de produtos ponte a fora pra chegar ao outro lado e ser resgatada por outro veículo da empresa, esperando pra terminar o trajeto. E ninguém reclamava”, narra.

AMOR

A passagem pela Viação Santo Antônio, no entanto, sempre foi provisória nos planos de Clemente. O grande sonho dele era, na verdade, ser convocado em um processo seletivo no qual havia sido aprovado, na Cemig. Algo que aconteceu depois de muita insistência. “Ia até a sede em Belo Horizonte e cobrava meu direito, uai. Um dia uma atendente, D.Maria Felícia, resolveu alertar: ‘Só tenho vaga pra mecânico’. Aceitei na hora, comecei a trabalhar e depois lá estava eu, novamente, dirigindo também. Difícil dizer por que estrada mineira eu não

passei, viu?”, analisa o aposentado que começou a dirigir aos 15 anos com um amigo da família, Geraldo Caputo. Tudo para buscar em Divinópolis uma encomenda do pai: um jipe vindo do Rio de Janeiro. Mais tarde, habituado aos volantes, chegou a comandar uma linha de entrega de leite.

Nenhuma dessas jornadas, porém, se aproxima da percorrida ao lado de D.Marta. “Nos casamos pra viver num cantinho com um fogão, seis cadeiras, uma cama e guarda-roupa. No lar só havia amor mesmo, porque os móveis demoraram a aparecer”, brinca ela.

Hoje, mais de 60 anos depois, ela avalia todas as dificuldades – incluindo as constantes viagens do marido – como provações vencidas pela fé. “Eu me afligia com todos os riscos corridos, sim. Por outro lado, só podia rezar e pedir a Deus que tudo desse certo enquanto ele saía de casa feliz pra pegar a estrada. Era uma luta dupla porque eu lecionava e precisava permanecer firme. Aos poucos me acostumei. Deus não desampara e foi guia até aqui”, explica.

Hoje, o ex-motorista conduz grupos religiosos e trabalhos sociais ao lado da mulher, numa dupla de pilotos “pelas estradas da vida”. “Essas a gente percorre até o fim, de mãos dadas, acreditando no melhor e tentando deixar um legado de cuidado com o próximo. E desta vez a Marta não me espera. Vai comigo”, compara Clemente trocando um olhar cúmplice com a companheira.



DEVIDSON COSTA

Viola, sanfona e amor às raízes

Com tradição na ponta dos dedos, Cláudio Araújo & Dimas levam música caipira com selo das Vertentes para todo o país

Uma coisa todo músico caipira nutriu (além da paixão pela cultura dos rincões do país): o sonho de um dia dividir espaço com Inezita Barroso. Atriz, cantora, pesquisadora e militante em prol do estilo, ela foi a grande responsável por colocar, sob os holofotes, um gênero que na metade do século XX ainda era tratado como inferior.

A dupla Cláudio Araújo & Dimas não só conseguiu essa façanha como a repetiu três vezes. Com viola e sanfona em mãos, além de voz afinada no gogó, os dois mineiros marcaram presença no programa *Viola, Minha Viola*, comandado por Inezita na TV Cultura por mais de 35 anos. E foi nos bastidores das gravações que ouviram do grande ícone, responsável pela popularização do folclore bruto com arranjos cuidadosos, uma série de elogios.

Não foi a única “mestre” a se render aos músicos do Campo das Vertentes. Certa vez, na Bahia, Cláudio e Dimas foram convidados para abrir um show do saudoso Dominginhos ao lado de ninguém menos que Elba Ramalho. À frente deles, uma multidão de 20 mil pessoas. “Quando saímos do palco, ele veio até nós e disse: ‘São mais corajosos que eu. Seguraram o público sozinhos’. Isso porque nossa base foi apenas a viola e a sanfona. Nada mais. Guardo as palavras dele com um carinho gigantesco”, conta Dimas.

Já Cláudio não se esquece do estrondoso “Meus Parabéns!” que ouviu de Xavantinho, da dupla com Pena Branca, pouco antes de falecer. Para eles, elogios de nomes que os

inspiraram. Mas para a história da dupla um sinal de que a região também é capaz de exportar grandes músicos defensores da cultura caipira. Uma trajetória que parece “coisa de novela” – e, aliás, os levou ao capítulo de uma.

TRAJETÓRIA

Cláudio e Dimas seguiam carreiras paralelas em Madre de Deus de Minas e Carrancas quando os caminhos da música se cruzaram em um “incidente” do acaso. Na realidade, Cláudio tinha uma apresentação agendada em um restaurante, em pleno Carnaval.

A proposta era tocar ao lado de um amigo que, por algum motivo imprevisível da vida, precisou cancelar a parceria. Dimas apareceu em socorro e o que seria uma substituição provisória se estendeu por quatro dias. Dali para os anos seguintes foi uma questão de adaptação. Ou, como gostam de dizer, “aceitação do casamento”. “Fiquei com pena dele e chamei pra fazer dupla comigo”, gargalha Cláudio enquanto Dimas rebate que, na realidade, ocorreu o inverso.

Fato é que perceberam estar em sintonia e seguiram história à frente. “Não houve dificuldade, entrave, nada. A gente percebeu que as vozes e o amor pela música caipira se encaixavam. Não precisávamos de mais nada a não ser acreditar nos nossos dons e no fato de que aquele encontro era abençoado”, diz Dimas.

O resultado? Três CDs lançados de forma independente pela dupla, além de outros dois como parte do grupo



Violeiros de Madre de Deus, criado em 2007.

O SANFONEIRO E O VIOLEIRO

Antônio Cláudio Araújo, 56 anos, se descobriu fã de cordas e notas aos 12. Filho de músicos – a mãe, inclusive, ajudou a fundar a Lira Santa Cecília, em Madre de Deus –, se envolver com sons e melodias pareceu algo natural que, acredita, “veio de brinde em alguma cadeia do DNA”.

Enquanto a Ciência não comprova isso, fato é que o então adolescente se dedicou ao violão até a vida adulta, quando a viola caipira entrou de vez na história. “Tocava em bares um repertório que tinha Milton Nascimento. Gilberto Gil, Caetano Veloso. Um dia a música caipira ‘chamou’, eu disse ‘sim’ e nunca mais larguei. Não há como explicar o que aconteceu. Foi algo divino que me transportou pro sertão e fez aprender a arte de Tião Carreiro, Almir Sater, Renato Andrade... Tempos depois, fiz um musical no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Mas sempre de olho nas raízes”, narra.

Algo semelhante tem a epopeia musical de Dimas José do Nascimento, também de 56 anos.

Segundo ele, o amor por abraçar a sanfona veio do avô, que tocava um instrumento de oito baixos. Entre prática em casa e curiosidade, o pequeno Dimas foi parar, aos 10 anos, na Banda Mirim de São Sebastião da Vitória, de onde seguiu também para a Banda Municipal Santa Cecília, em São João del-Rei.

Mas foi nos palcos que se encontrou. Centenas deles, aliás, passando por bares, bailes na roça, nas beiradas de campos de futebol e nas rádios, onde foi parar aos 14 anos apresentado por ninguém menos que o lendário Tião do Fole, um dos guardiões da tradição caipira no Campo das Vertentes. “Tive aprendizados gigantescos nesse período e todos me acompanharam na vida adulta quando decidi tentar a sorte na cidade grande. Mesmo assim, retornei para o interior. Quem nasce caipira pode até conhecer o mundo, mas não esquece o chão onde cresceu e quer voltar”, filosofa o sanfoneiro.

PROJETOS

“Já tocamos praquelas 20 mil pessoas, assim como pra apenas uma. Só não fizemos shows em velório porque ainda não chamaram. Mas se for o caso, estaremos lá”, brinca Dimas. E talvez esse não fosse o episódio mais inusitado da história.

Em uma apresentação, sem qualquer motivo aparente, Cláudio foi atingido por um bagaço de

laranja no rosto. “Foi num Restaurante Popular em Belo Horizonte. Um bêbado entrou no lugar, olhou bem pra mim e gritou: ‘O que é que você está fazendo aqui?’. Logo depois veio o golpe. Acho que me confundiu. Mas doeu”, gargalha.

O bom humor é resultado de tudo o que o sanfoneiro e o violeiro viveram até aqui. Com repertório baseado em centenas de canções, incluindo algumas próprias, a dupla também coleciona participações em grandes projetos. Um deles o *Causos e Violas das Gerais*, proposta itinerante do SESC que os levou a mais de 300 municípios mineiros, entre 2003 e 2015, em shows que incluíram expoentes como Sérgio Reis e João Bosco.

Cláudio e Dimas registraram passagem, ainda, pelo *Minas ao Luar*. Isso sem falar em uma apresentação toda especial para o elenco da novela global *Império*. Na época, algumas cenas foram gravadas em Carrancas e, num momento de descontração, a atriz Lília Cabral e o ator Chay Suede perguntaram sobre músicos caipiras na região. Dimas foi até lá com a inseparável sanfona ao lado do filho, Leandro. “Pra gente, sucesso nunca foi uma meta. A gente só queria fazer boa música, resgatar tradições, venerar a cultura do sertão e ter certeza de que, de alguma forma, essa luta vai continuar nas próximas gerações”, confessa Dimas antes de se juntar a Cláudio para outra apresentação.



DEWIDSON COSTA

De São Tiago a Santiago

A corajosa caminhada de um casal que encontrou nos desafios e na fé uma nova trajetória de vida

Vida

ROBERTA SYDNEY/FICKR/DIVULGAÇÃO



O Google é termômetro das teorias envolvendo o Caminho de Santiago, na Compostela. Na mais simples das buscas, são oferecidos 40,9 mil resultados, em 0,39 segundos, sobre “lições”, “ensinamentos”, “transformações” e “milagres” no mais famoso dos trajetos religiosos europeus.

Antônio de Pádua Oliveira é prova viva disso. Aliás, encontrá-lo concentrado em frente ao computador, com semblante emocionado, não é raro. Porém, ao contrário do que se possa pensar, ele não se distrai com relatos de quem cruzou o local santo. Na realidade, literalmente offline, Oliveira observa as fotos de si durante caminhada de quase 850km ao

longo de quatro semanas com a esposa, Cristiane Coimbra.

A peregrinação dos dois terminou no dia 13 de junho, Dia de Santo Antônio. Se coincidência ou obra do santo com fama de casamenteiro, ninguém sabe. Mas fato é que o casal terminou o trajeto mais unido. E faz questão de contar.

PREPARAÇÃO

Ainda no final de 2016, Oliveira e Cristiane firmaram um compromisso: realizar caminhadas diárias, em território instável. Tudo como forma de preparo físico para a jornada no “Caminho Francês” das rotas em direção à Compostela.

Exatamente por isso, até a véspera da partida de São Tiago rumo a Santiago, o casal podia ser facilmente visto nas primeiras horas da manhã cruzando 9km com mochilas em tamanho considerável nas costas. No caso de Oliveira, ela tinha 8,5kg. “Eu havia pesquisado sobre bem-estar e itens a serem levados. O ideal é que o peregrino faça o caminho carregando, no máximo, o equivalente a 10% do peso corporal. Então escolhemos tentar nos adaptar. Muita gente nos olhava com curiosidade porque não contamos sobre nossos planos até termos certeza de que dariam certo”, explica.

E deram. Não significa, porém, que foi fácil. A ideia, que surgiu



FRANÇA

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

anos antes em Belo Horizonte, numa caminhada ao redor da Lagoa da Pampulha, se concretizou a partir do dia 12 de maio de 2017 em rotinas exaustivas e desafiantes. Ao longo de 32 dias, Oliveira e Cristiane empreenderam movimentação passo a passo de 5h30 às 14h30, prazo suficiente para média de 26km percorridos, sob sol, chuva, vento e frio.



O CAMINHO

- À noite, quando você finalmente se deita, o corpo inteiro dói. Os pés queimam e você pensa: 'Não vou conseguir. Amanhã não vou conseguir'...

- Mas você consegue. Em determinado momento, parece que



Deus diz: 'Calma, me dá essa dor aqui'. E ela some.

Oliveira e Cristiane relatam essa crença completando um ao outro. Como acontece na própria vida do casal. Juntos há 12 anos e residentes em São Tiago há seis, os dois entendem bem o que realmente significa parceria e companheirismo - mesmo com impasses comuns no relacionamento. Mas essa é outra parte da história.

Nesta, o destaque é mesmo para a cumplicidade da dupla. Algo que, garantem ambos, foi diferencial para que ninguém desistisse do sonho. "O Antônio falava há muito tempo sobre fazer o Caminho de Santiago. Topei a jornada, mas sempre foi algo mais profundo pra ele. Lá, centímetro a centímetro, a gente percebe que o desafio é mútuo. E que um precisa dar forças ao outro. Em algumas manhãs eu acordava indisposta, mas via o sorriso e a empolgação dele. Então seguia. Em outros, era ele quem oscilava, mas o segurava pelas mãos e soltava o mais empolgante dos 'Vamos lá'. E foi

assim que vencemos", conta Cristiane.

'Vencer', aliás, é o verbo ideal. Ao longo de 32 dias, o casal atravessou exatos 830km entre Saint-Jean-Pied-de-Port, na França; e Santiago de Compostela, na Espanha. Entre esses locais, houve passagens por Pamplona, Logroño, Burgos, León e Ponferrada, entre outros locais.

O ponto alto, porém, é outro. Literalmente: para cumprir a primeira parte do trajeto é preciso subir a Serra dos Pirineus, uma cadeia de montanhas entre os dois países.

DESAFIOS

Para Oliveira e Cristiane, foi esse o trecho mais difícil. "Quando você está começando e vê uma placa anunciando que ainda faltam 790km para cumprir sua missão, assusta. Por outro lado, eu pensava: bom, algumas dezenas de quilômetros já foram. Tô melhor do que ontem", ri Oliveira, aos 65 anos.

E Cristiane compartilha de ideias semelhantes: "Enquanto você caminha, vê desde flores indescritíveis, desenhadas por Deus; a igrejas carregadas de histórias que os homens ergueram. Entre uma coisa e outra, há retas que parecem não ter fim, desfiladeiros em que o vento uiva e pode até te derrubar. Preocupa um pouco, sim. Mas nunca o suficiente para tirar o propósito que se coloca ali. São centenas de pessoas fazendo o mesmo que você. Elas passam e, no idioma delas, desejam sorte, força, fé. Se tornam amigas. É aí que a gente entende uma infinidade de questões sobre o mundo, a alma e as relações", aponta.

MUDANÇAS

Em outro quesito Oliveira e Cristiane também concordam: cada um vivenciou e se redescobriu de forma diferente no Caminho de Santiago. "Fizemos tudo juntos o tempo todo. Mas as percepções foram muito distintas",

diz ela. "Até porque, na realidade, cada leitura e cada beleza está no olhar de quem vê", diz Oliveira.

Ele, por exemplo, diz ter voltado para casa com outra alma, a ponto de não conseguir explicar exatamente como se sente. Por outro lado, notou ter desenvolvido o desapego. "Antes de ir eu me preocupava em ter um armário para guardar minhas coisas, em como lavaria minhas roupas. Lá, em certo momento, só ligava mesmo para a minha pochete com documentos e esfregava camisetas e calças todos os dias depois de caminhar, exausto. Vivi 32 dias com menos de dez peças, incluindo os sapatos", relata.

Já ela vê tudo com outros olhos. "A gente precisa aprender a se abrir praquilo que a vida oferece. Quando começamos a caminhar, meu objetivo era de conexão com a natureza e auto-desafio. Quando



terminamos, a proposta era continuar enxergando no mundo a pureza que encontrei ali. Digo que o trajeto até Compostela foi uma meditação caminhante e que me relaciono melhor com o universo. No trajeto, ficava imaginando qual era a missão do peregrino que havia acabado de me cumprimentar, o que sonhava. Nunca encontrei respostas. Hoje, questiono isso sobre todos que encontro. Cada um tem seu caminho e ninguém sabe o quão difícil é", reflete ela.





COMPOSTELA

Santiago Maior foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, irmão de São João Evangelista. Na Bíblia, é descrito como um pescador no Mar da Galileia que teria abandonado tudo para seguir o Salvador e, talvez por isso, tenha se tornado um dos discípulos mais íntimos Dele.

Após a crucificação e três aparições de Jesus, Santiago seguiu a orientação de propagar a Palavra fora da Judeia. Começou, então, uma peregrinação que se arrastou por oito anos. Ao retornar a Jerusalém, porém, foi preso sob o regime de Herodes Agrippa e condenado à decapitação.

Seus restos mortais foram abandonados no deserto, mas após insistência de alguns de seus convertidos, foi transportado para a atual Espanha. Conta uma lenda que, no mar, o corpo do apóstolo acabou se perdendo e foi arrastado por correntes marítimas até uma praia da Península Ibérica. Curiosamente, teria chegado lá intacto, protegido por conchas de vieira.

Exatamente por isso, elas são símbolos do Caminho de Santiago - e uma delas foi parar na pele de Oliveira, como tatuagem.

É relatado, também, que após a chegada do apóstolo ele foi velado e guardado em um bosque ermo no qual fiéis se revezavam para protegê-lo. Mais de 700 anos depois, no entanto, luzes intensas foram vistas no local. A notícia chegou ao Rei Afonso II, que encomendou a construção de uma capela e um monastério ali. Assim começaram as peregrinações ao "Caminho de Santiago de Campo Estela".

SÃO TIAGO

Em 2017, prefeitos de 11 cidades mineiras se uniram efetivamente para a implantação dos 'Caminhos de São Tiago'. Inspirado no circuito religioso espanhol, o trajeto terá 220km entre Santa Rita de Ouro Preto e a Terra do Café com Biscoito, no Campo das Vertentes. A expectativa é de que uma peregrinação-teste já aconteça em 2018, em junho, durante a Festa do Padroeiro.



Sicoob Seguros

Cuidando de tudo que é importante para você.



Agências Sicoob Credivertentes

Alfredo Vasconcelos
Av. Agostinho Bianchetti, 49 loja A
Centro - MG - CEP: 36.272-000
Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredivertentes.com.br

Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068
Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcredivertentes.com.br

Belo Horizonte
Rua Espírito Santo, 1.186
Centro - MG - CEP: 30.160-033
Tel.: (31) 3222-8667
E-Mail: belo Horizonte@sicoobcredivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000
Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000
Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000
Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcredivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000
Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcredivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000
Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000
Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcredivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000
Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 250
Centro - MG - CEP: 35.541-000
Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000
Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcredivertentes.com.br

Prados
Rua Magalhães Gomes, 88
Centro - MG - CEP: 36.320-000
Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcredivertentes.com.br

Resende Costa
Rua Gonçalves Pinto, 135
Centro - MG - CEP: 36.340-000
Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcredivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000
Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiúva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312
Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojodrei@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Senhora dos Remédios
Rua do Rosário, 49
Centro - MG - CEP: 36.275-000
Tel.: (32) 3343-1312
E-Mail: sremedios@sicoobcredivertentes.com.br





SICOOB
Credivergentes